



OS RIDÍCULOS

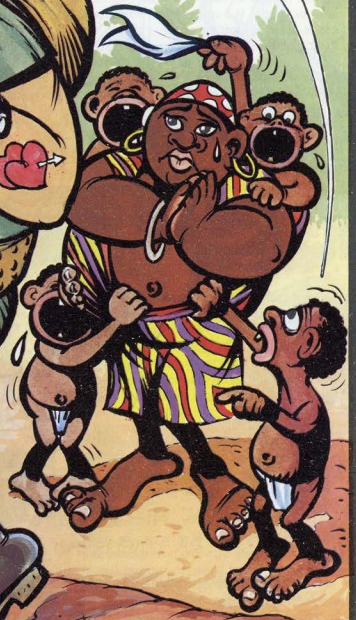
Nº 202 — 12-9-74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO — 5100



AO MENOS ELE
QUE MANDE O
ABONO DE FAMÍLIA!



VICTOR

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Se o meu avozinho fosse vivo, naturalmente dizia a respeito da política dos nossos dias: — Não há dúvida: está o mundo roto, chove nele como na rua! É verdade. Primeiro foi há muito tempo (vocês lembram-se?) o Escândalo Profundo, em Inglaterra. Depois, foi o Escândalo Watergate, na América. A seguir foi o escândalo do "Canard Enchaîné" em França. Pois agora a Alemanha também arranjou um escândalo. E qualquer coisa relacionada com um pagamento duns mil quinhentos e tal contos que foram pagos a um membro do governo, por uma companhia de aviação. Disse-se ao princípio que se tratava dum financiamento puramente comercial, mas agora parece que se prova ter sido para comprar votos.

Em resumo mais um escandalozito de meia tijela, para a História.

Em Chipre continua a dança dos acordos sem acordo. Os russos apresentaram um plano com uma certa lógica, que tinha como base de princípio a imediata retirada de todas as tropas estrangeiras da ilha: mas os turcos que se sentem muito bem instalados principalmente ao norte da ilha cantaram-lhe: Daqui não, daqui ninguém me tirat

Em Bucarest continua a conferencia internacional sobre a população mundial. Trata-se pelo menos duma conferencia que não discute assuntos de guerras nem cessar-fogos, nem retiradas de tropas nem nada. E parece que portanto todos deviam estar mais ou menos de acordo. Mas ao que parece nada disso sucede. O tom geral das conversações tem sido de desacordo constante e geral.

O que parece ser uma nota dominante em conferencias mundiais. . .

Para não deixar esmorecer o interesse no folhetim que se poderia intitular "Israel e os Arabes" continuam os momentos de crise. Nos últimos tempos tem havido uma data de visitas a Washington, tanto de árabes como de judeus. Talvez porque os soldados da ONU que alugaram casa no Próximo Oriente, terminam os arrendamentos entre Setembro e Outubro, e quando eles saírem, naturalmente pega-se tudo de novo à taponá.

E embora com o sorriso um pouco mais amarelo desde que Nixon saiu da cena pela esquerda baixa, mestre Kissinger lá vai conversando com uns e com outros.

Talvez para resolver que os capacetes azuis fiquem no Oriente mais uns meses. . .

Kurt Waldheim foi a Ankara, para ver se conseguia fazer as pazes entre o Presidente Clerides e leader cipriota turco Denktash. Houve muita festa, muitas rosas, muita cantoria, mas parece que os turcos (mesmo os cipriotas) não estão muito dispostos a aceitar a canção — "Ó turco, volta para trás!"

E para manter vivo o interesse na questão, tornou a haver um tiroteiozinho entre gregos e turcos, ao longo do rio Evros. Coitados: os soldados estão ali parados há tanto tempo que com alguma coisa se não-de distrair. "Ó freguêz, vá lá um tirinhoto tente a sua sorte!"

Abissínia, o velho império do Rei dos Reis — como gostava de ser chamado o velho Negus, está a cair aos bocados. O Negus, o Imperador, o Senhor de todos os exércitos, que vivia ainda nos tempos bíblicos, está ao que parece guardado à vista no seu palácio. A Eritreia quer ser independente. O general Aman Andom, o homem forte da Eritreia diz que aquilo agora não passa. Aquilo-agora incha.

E quanto mais inchar mais se esvaíza o balão que era Ailé Selassié.

Em Inglaterra preparam-se novas eleições. Assim é que é: quando o governo toma decisões para as quais não está preparado, tem que responder por elas ou então dá lugar a quem tiver mais probabilidades de satisfazer o povo. Harold Wilson no entanto está confiante que irá ganhar as novas eleições agora marcadas em princípio para Outubro.

Wilson promulgou uma data de decretos que agradaram ao povo. Vamos a ver se a economia britânica se aguenta com as contas, o que parece pouco provável porque os amigos ingleses para o financiamento estão nas lonas. . .



Actores e críticos teatrais (entre eles, Carlos Porto) patearam o novo "show" musical de Vasco Morgado, em cena no Monumental, "O Último Fado em Lisboa".

Pateada justíssima, raramente temos visto um espectáculo ligeiro tão mediocre.

É difícil ter tão pouca graça como Badaró, tão pouco talento como Alina Vaz, tão pouca originalidade como o autor das rábulas.

Na parte final desta mixórdia musical em dois actos, os admiráveis dançarinos russos levantam o entusiasmo do público mas não conseguem apagar a sensação de catástrofe teatral que paira naquele palco.

Só lá falta a Irene Isidro a querer imitar a Marlene para o desastre ser verdadeiramente. . . monumental!

Paulo Guilherme e o seu "Cabaretíssimo" (quinhentos escudos "per capita") continuam a ser notícia. Ali se reúnem a sociedade que se diverte, artistas, personalidades de hoje e de ontem.

Lá vimos, bronzeada e eufórica com o "show", a escultora Dorita de Castel-Branco, a mesma que, há anos, se viu envolvida em acesa polémica por causa de uma estátua sua que provocou o escândalo de um director de colégio, no Estoril. . .

Mesmo os homens mais graves se divertem bastante, às vezes.

Na sua autobiografia, Simone de Beauvoir conta que, nalgumas reuniões de existencialistas, Jean-Paul Sartre se vestia de mulher e animava os presentes com as suas imitações do eterno feminino.

Consta que a actriz Lígia Teles está interessada em comprar um conhecido bar, em Lisboa.

Já o teria comprado?

E aquela senhora que foi ver "O Último Tango em Paris" por gostar imenso. . . de fimes musicais?

Provavelmente, vê o "My Fair Lady" por gostar. . . de filmes eróticos!

EU SOU A REACÇÃO!!



ORA CONTE -NOS...

Já viu o "Último Tango em Paris?"

FINALMENTE CHEGOU
A CULTURA...

ADORO FITAS
PEDAGÓGICAS!



TARADO
SEXUAL

MARGARINA

FAZE-SE
CALDAS



TER OUVÃO
TER PARRA
BIS A
QUESTÃO

VI POIS...
E PERCEBI
AFINAL A RAZÃO

DO AUMENTO
DA MARGARINA

ABAIXO A
VALVULINA...
ABAIXO A
"BANZELINA...
VIVA A
MARGARINA



OPERÁRIO
MARGARINA



DONA
DE CASA

ESPOSA DE
CAPITALISTA



AGORA SIM JÁ
COMPREENDO AS
CONTAS DAQUELE MALANDRO
NA MERCEARIA DA ESQUINA!

TRINHEIRO
MARGARINA



HUMOR NEGRO



Ichoque entre dois carros foi brutal, alucinante. Os ocupantes foram projectados contra as portas, e estas, abertas com a força do impacto, deixaram tombar para a estrada, exangues, os corpos retalhados. Quando as equipas de socorro chegaram depararam com um quadro aterrador onde se viam espalhados pelo chão braços e pernas decepadas por entre os corpos dos feridos.

As ambulâncias recolheram os despojos e lançaram-se vertiginosamente de sirenes abertas pela estrada fora a caminho do hospital, onde equipas de cirurgiões, já alertados pela rádio aguardavam os desgraçados.

Sucederam-se horas de intenso trabalho e nervosa actividade nas várias salas de operações.

E por fim os médicos olharam-se estafados mas contentes. Dos seis ocupantes dos dois carros, apenas dois tinham falecido. mas os outros, mesmo aqueles a quem tinham sido meticolosa e cientificamente cozidos os membros decepados, pareciam estar a recuperar e

tudo levava a crer que se salvariam.

Um dos feridos no entanto, alguns dias depois, quasi completamente envolto em ligaduras de gesso desde cima até abaixo, queixava-se ao médico que sentia muita comichão no pé direito o que o obrigava a estar sempre a coça-lo, e como não se podia dobrar por causa do gesso, tinha receio de se estar a esfolar.

O médico viu-lhe o pé, e tranquilizou-o, dizendo:

— Não tenha medo, meu amigo. Não está nada esfolorado. Como não tem as unhas da mão muito grandes, não há perigo!

— As unhas da mão? Mas eu coço é com o outro pé!

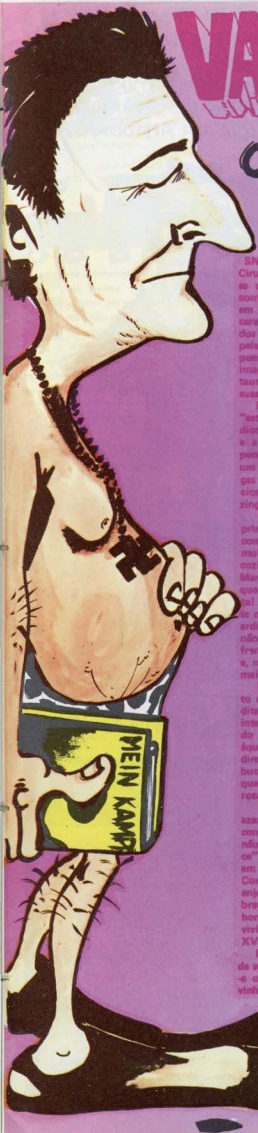
O médico hesitou um momento e depois respondeu:

— Desculpe... isso é o que o senhor pensa. Sabe, como não nos trouxeram a sua perna, e tínhamos um braço a mais, para o senhor não ficar assim sem nada desse lado, a gente cozeu-lhe um braço. Achamos que talvez lhe fizesse mais jeito...

UACIDENTE

VACANÇAS COM SALAZAR

CRÓNICAS DA CONTRA-PEÇONHA



ENI de António Ferro pretendia ser uma Clínica de Cirurgia Estética de Salazar, partindo do princípio que, se os seios se podem transformar em princesas, nos contos de fadas, também as topadoras se podem converter em águias, na vida real... Era preciso substituir a máscara do ditador pelo rosto do franciscano, o arreganhar dos dentes pelo sorriso mavioso, a mediocridade altaiva pela modestia dos costumes, a verdade maquiada pela poesia. E, depois, fornecer aos portugueses e ao mundo a imagem resplandecente desta Pigmaleão made in Restauradora, angariar simpatias, promover o apreço pelas suas imaginárias virtudes.

Fara tal, impunha-se o concurso de uma "esteticista" parisiense capaz de tornar a mais feiúra moçada do Congo numa rival de Martina Carol — a desejada "esteticista" apareceu, pressurosa, na pessoa de Christina Garnier, escritora um tanto frívola, um tanto romântica e com um fanático gosto por intrigas de portiras, que para o seu livro sobre Salazar ambicionava um ambiente de bailes, violinos provavelmente zingares e amor... (pág.59, Vacancas avec Salazar).

Quais bailes, quais violinos! O dr. Salazar, logo no primeiro encontro, mostrou-se um bota-de-elástico que combatia com todas as suas forças a emancipação da mulher, que a queria e cozer miúdas, a estragar soelhos, a coziphar papericos tal como a seu governo, e senhora Maria, que todos os dias experimentava novas receitas e que autoridade só e tinha na confecção de uma boa trua! A francesa escutava, estóica, a tarqueza de ideias deste chefe tribal, fiel à moral dos Sioux e dos Comanches e andia por fumar um cigarro. Mas não podia ser. O chefe não suportava, não admitia as exalações de tabaco, à sua frente, do mesmo modo que abominava, à mesa, o café e, nos jardins, os gatos. Tinha de guardar a fumaça para mais tarde.

Da segunda vez, encontraram-se no palácio de S. Bento e a francesa, sempre sem fumar, acompanhada pelo ditador, deu um romântico passeio pelos seus jardins, interditos aos fetinos e férteis em galinhas. Ele falou-lhe do seu amor à terra, às plantas, às flores e sobretudo àquelas fontes cuja água, informava exultante, vinha directamente do Cemitério dos Prazeres... Este mórbido bucolismo deve ter provocado um arrepiro e Christina que, como mais tarde se viu, no Vinheiro, preferia marcos azadais.

Enfim, A francesa não sabia o que pensar dela. Salazar mandara-lhe as rosas mas a ortada do hotel bem-lhe dava a porta na cara, ao saber a entidade do remanete. E não havia violinos, não havia tabaco, não havia "romances" para contar aos futuros leitores. Num mês de estadia em Portugal, apenas descobriu que o prodígio de Santa Comba, em pequeno, era muito guloso de "papos de anjo" e "bolos de amor". Esse gracioso pormenor quebrou a monotonia das suas conversas com aquele homem de quem enalteciam o espírito da pobreza e que vivia rodeado de Aubussons, veludos, secretárias Luis XV...

Por seu lado, o astuto Salazar já topara com os fracos da sua entrevistadora. Na sua casa de Baixa Alta, recebeu-a como uma folha de malva, na lapela. Falou-lhe das vinhas, da calma dos campos, confidenciou-lhe que, em

novo, escrevera versos. Os olhos da gaulesa ganharam outro brilho. A senhora Maria apressou-se a preparar-lhe a maçooca dilecta. A francesa, sem cigarros mas com maçooca deixou-se embalar por aquele ambiente dulcorado. Mas, em seguida, novo arrepiro. O ditador revelava-lhe que gostava de sair em noites de luar, o clássico prazer dos vampiros... E havia sempre tantos homens suspeitos, à volta da casa, a expiarem todos os movimentos! Que se passava? Maçooco, ele explicou que a policia, contra a sua vontade o protegia constantemente. Aquelle oficial que a levava e trazia do hotel do Buçaco era o chefe dessa "guarda-privada", um sentimento que consumia as noites a escrever poemas (Pág.168). Chamava-se Agostinho Barbieri, talvez no futuro ainda fosse um poeta de renome... À poesia dos campos, das uvas, dos figos, das maçoocas da senhora Maria, juntava-se o halo político daquelas duas almas sensíveis, Salazar e Barbieri. Se bem que este fosse um pouco tenebroso, ponderava Christine. Aquella dos passeios ao luar parecia que lhe levantara uma certa desconfiança...

Entretanto, o ditador falava para a posteridade. Exaltava a Concordata, Malinava a pintura moderna, o surrealismo, que lhe mereciam um sorriso de desdém torcido. Previa, num raso sibilino, que as colónias nunca procurariam a sua emancipação. Afirmava qual oráculo de Delfos, em bafurada profética, que o seu pensamento político e as suas instituições resistiriam à sua morte e que os vindouros as conservariam!!!

Sem um cigarro para saborear, Chyriste aborrecia-se duplamente. Em vez da maçooca da ordem, já podia aspirina à senhora Maria (pág.197) e começava a achar que o poeta Barbieri se parecia com o personagem de um filme passado em Hong Kong ou Tinger. Mas ainda tinha de ouvir o Chefe falar sobre a excelência das cadeias portuguesas, verdadeiras "prisões sentimentais"... Ela gostava mais de sondar as tricas entre as irmãs do ditador e a senhora Maria, tinha vindo para escrever uma biografia bulfoesa e deparava-se-lhe aquele mono a dizer banalidades, lugares-comuns, desconxavot, tudo como o ar mais sagaz deste mundo!

Vinte e dois anos são passados sobre a publicação de "Vacancas avec Salazar" de Christina Garnier. O que ontem confrangia, hoje já vontade de rir. Toda a hipocrisia política, toda a negação do talento literário, todo o cultivo descarado de um mito se conjugam naquelas 246 páginas de diábetes que aumentam de calibre com o tempo.

Salazar merecia a biografia que teve. Mas Christina mereceu as maçoocas da Senhora Maria!

POR EZEQUIEL



O CEU

Hoje meus prezados amigos, e muito excepcionalmente, vou transmitir aqui uma lição portentosa sobre os céus, coisa que poderia — e deveria — ser incluída na nossa curiosa secção "COISAS DO ARCO DA VELHA".

Mas como encontrei no tal livrinho (repositório total e completo da ciência humana de mil oitocentos e troca o passo) definições tão doutorais e categóricas sobre os céus, julgo que o melhor que tenho a fazer, é dar-vos esta amostra de "incultura" pelo que ela vale. Julgo que vão gostar.

O capítulo chama-se: DA REGIÃO ETHEREA OU CELESTE

"Até aqui se tem tratado da Região Elemental com a brevidade possível; convém agora que diga-mos alguma coisa com a mesma brevidade da Região Celeste à qual chamou Aristóteles (lib. 1 de Coel., Cap.8) Quinta essencia, cuja natureza é muito diferente da que tem os Quatro Ellementos. Esta Região Etherea ou Celeste contém 11 Ceos, conforme a comum opinião, e mais approvada, de todos os Astrono-

mos. O primeiro em ordem natural, e onzeno, quanto a nós outros, como dizem os Theologos é o Ceo Emypreo, morada e descanso dos Bemaventurados, o qual não está sujeito ao movimento, como os de mais Ceos.

Logo depois do Ceo Emypreo se segue o Decimo Ceo ou a Décima Esphera, achada por El-Rei D. Affonso X, e tida pelo primeiro móvel, por cujo movimento são arrebatados os demais ceos inferiores, e dão aparentemente uma volta à roda da terra em espaço de 24 horas.

O nono Ceo ou Esphera, achada e tida por Ptolomeu como primeiro móvel, é o Ceo a que chamam Crystallino, aonde querem alguns doutos que estivessem aquellas agoas, das quais se faz menção no Genesis. E diz

Beda (Cap. 1 de Natura Rer. Cap. 4) que foram ali detidas para a alegação do mundo feita pelo dilúvio geral.

DEPOIS do Ceo Crystallino se segue por ordem natural o Oitavo Ceo ou Firmamento, no qual estão todas as Estrelas Fixas, excepto os sete Planetas, ou por outro nome, Estrellas Errantes, que estão nos certos orbes, ou Ceos Inferiores.

Dizem-se Planetas ou Estrellas Errantes porque nunca estão igualmente distantes umas das outras, como o estão todas as do Firmamento e Oitavo Ceo.

D'estas sete Estrellas ou Planetas, fallaremos adiante de cada uma em particular."

E depois desta magistral lição astronómica, acho que é melhor a gente respirar fundo antes de continuar. . .

EU SEM TRABALHO, PARECE QUE JÁ NÃO FICO... SEMPRE HEI-DE CONSEGUIR INFILTRAR-ME NA NOVA POLÍCIA DA AMADORA..



ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Na Guatemala realizou-se um comício de apoio às autoridades legais do lugar. Foi presidido pelo "mayor" e assistiram todos os habitantes do "pueblo" cerca de vinte e tal pessoas, empregados na única casa agrícola que ali existe, e que pertence ao mayor. Claro que não houve qualquer discordância de pontos de vista.

Em Itália está a preparar-se o Congresso Geral das Bruxas e Adivinhos. Até este momento, e apesar de insistentes pedidos dos jornalistas para que seja divulgado o nome do Presidente, todos os bruxos e adivinhos consultados são unânimes em declarar que não fazem a mais pequena ideia de quem seja.

Nem mesmo deitando cartas.

Charles Chaplin, o tão discutido monstro sagrado do cinema, que acaba de fazer 85 anos (do que ele não tem culpa nenhuma) concluiu agora o argumento para um novo filme: chama-se Fantasia e descreve a história duma mulher com asas, que um cientista qualquer descobre no interior duma selva inexplorada até aí, da América do Sul.

Será possivelmente sua filha Geraldine quem fará o papel principal. E Chaplin já declarou que assim que esse filme for rodado, tem mais um ou dois para fazer.

Porque — acrescenta — para fazer filmes, o que é preciso é ter tempo. E ao que parece ele isso tem.

Um senhor dali de ao pé de Tomar, pôs um anúncio no jornal a pedir senhora para fins matrimoniais. É diz que não lhe interessa que seja solteira, viúva ou divorciada (ao que parece casada é que não quer). E também não lhe interessa a idade: pode ter até 60 anos. O que não quer é que tenha filhos — porque para isso está a ele — e que também não seria mau se soubesse ler.

No entanto para não perder muito tempo, pede o favor de lhe mandarem uma fotografiazita, que ele depois, se não quiser a mulher, devolve.

Não é lá muito exigente o homenzinho.

EU SOU A REACÇÃO!!



BARRAÇADAS

LA PARTI... DA PRA LISBOA

Esta barracada vivia e numa recente viagem de comboio na linha do Algarve. E podem cer que agora, à distância (e acreditam que assim continuarei enquanto me lembrar) as coisas até têm graça. . .

Bom. Eu estava no Algarve e tive que vir a Lisboa. Pensando com os meus botões que andar tantos quilómetros de automóvel seria estafante, optei por vir no correio da noite, que saía de Vila Real de Santo António perto das nove da noite, e chegava de

manhãzinha a Lisboa. Aquilo, deitadinho numa cama, devia ser óptimo.

E aqui começou a minha odisseia. Dirigi-me à estação de Vila Real, e ali fui informado por um sonolento funcionário na abandonada estação, que qualquer informação

só me poderia ser dada no apeadeiro junto ao posto fronteiriço. Porque (dizia ele) no apeadeiro é que funciona tudo: a estação não tinha qualquer funcionamento regular, e até a maioria dos comboios nem lá parava. Assim a modos que o apeadeiro era verdadeira estação, e a estação não passava de apeadeiro.

Aceitei o conselho e fui ao apeadeiro. E lá soube que não havia já camas disponíveis — o que não é de estranhar, porque cama é alojamento e toda a gente sabe que no Algarve os alojamentos desaparecem por artes mágicas.

Contentei-me portanto em pedir um bilhete de primeira para Lisboa. E pedi uma reserva de lugar.

Ah, que isso não senhor! Não se faziam reservas, sabe, porque não era preciso.

Bastava chegar a escolher o lugar que mais me agradasse. Era tudo muito simples!

E foi. Tão simples que meia hora antes do comboio partir já estava com gente em tudo quanto era espaço. Vocês sabem aqueles buracos à entrada das carruagens onde antigamente se metiam malas? Pois aí vi quatro pessoas enroscadas.

Quanto ao mito (de que me penitencio) da primeira classe... isso era para os outros tempos! Agora, democraticamente, os passageiros entram indistintamente como me tinha na verdade dito o bilheteiro, para o lugar que mais lhe agradasse.

E entravam. Em cada estação das muitas espalhadas ao longo do percurso da costa algarvia, entravam novas golfadas de gente, apertando-se, espremendo-se, comprimindo-se cada vez mais.

E lenta e pachorrentamente o comboiozinho continuava a sua lenta marcha rumo a Lisboa.

Passarei por alto os inci-

dentes da senhora que estando desde o princípio da viagem sentada num dos lugares, por volta das duas da manhã se levantou para ir ao toilette (onde incidentalmente não havia água), e da imediata ocupação do lugar, mal ela se tinha levantado, por outro passageiro que vinha em pé e não perdeu um segundo para reivindicar o lugar momentaneamente vago. . .

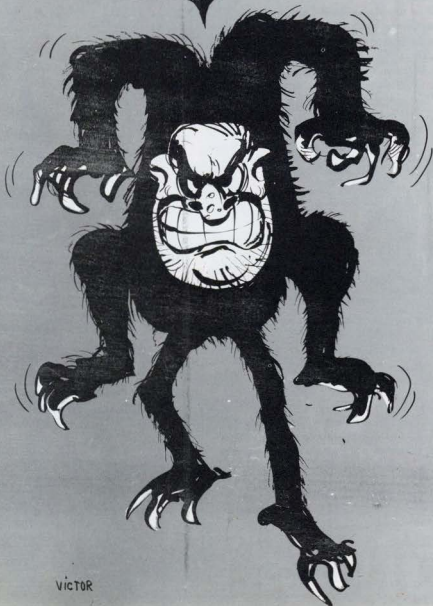
As horas escorram-se lentamente. Com a lentidão do ronceiro "trem de ferro" tipo capira a percorrer as longas estepes dum continente inóspito.

Cerca de 12 horas depois atingiam-se as coordenadas geograficas do Barreiro e iniciava-se a corrida desenfreada para o vetusto barco que veio depois para Lisboa.

E estafado, moído, derreado, arrasado, esqueci tudo quanto tinha que fazer de manhã em Lisboa, chamei um taxi e fui para casa dormir umas horas para não tomar exangue nas ruas da capital.

Na próxima semana contarei como foi a viagem de regresso ao Algarve. Ah, Ah! Mas cuidado, já não foi nada que se comparese! Eu ia regressar no célebre Sotaventou, o tal expresso com ar condicionado, hospedeiras e tudo! Vocês vão ver!

**EU SOU
A REACÇÃO!!!**



VICTOR

AVISO

Avisamos as pessoas que nos mandam originais, não solicitados, para publicarmos de que em caso nenhum os devolvemos, ou mantemos correspondência acerca deles, mesmo quando nos é enviado o selo para a resposta.

Os nossos amáveis colaboradores espontâneos terão notícias do destino das suas produções, para as quais temos uma grande boa-vontade, se as virem publicadas. Senão... temos um grande cesto para papéis.



D.BRIOLANJA

— Minha filha, temos que tomar uma resolução!

ALDEGUNDES

— Que ideia, mamã! Temos que tomar é o ché, que já são horas! E eu hoje preciso sair cedo!

D.BRIOLANJA

— A menina precisa de sair cedo? E para onde vai, posso saber?

ALDEGUNDES

— Pode sim, mamã. Vou sair com uns amigos.

D.BRIOLANJA

— Estou passada! Então a menina vai sair com uns amigos, e não dizia nada à sua mamã? Desde quando é que a menina recebe convites de amigos para sair?

ALDEGUNDES

— Olhe mamã, tudo começou há pouco tempo. Até há pouco tempo, eu estava na mó de baixo...

D.BRIOLANJA

— Não sei porquê! Uma donzela tão prendada, de tão nobre família...

ALDEGUNDES

— Pois aí é que estava o mal, mamã. Não digo que eu não seja prendada, que eu bem sei o que sou. Mas quando os amigos que encontrávamos, sabiam quem era o papá, mermuravam umas desculpas tolas, e depois nunca mais os via. Parece que tinham medo, ou coisa assim...

D.BRIOLANJA

— Pois aí mesmo é que estava o mal! Acho que eles pensavam que eu era importante demais! Não sei se tinham medo de se sentirem diminuídos ao pé de mim, ou se seria por qualquer outra razão, mas a verdade é que logo que sabiam que eu era a primogénita de El-Rei nosso senhor...

D.BRIOLANJA

— Deixe-se de parvoíces, menina. Lembre-se que até mesmo o nosso reino, já não existem tais designações. Seja uma menina do seu tempo, e diga apenas que é filha dum nobre de alta linhagem!

ALDEGUNDES

— Pois é isso mesmo que eu tenho feito. Mas nunca deu resultado. No entanto agora...

D.BRIOLANJA

— Agora o quê?

ALDEGUNDES

— Agora as coisas parece que estão a mudar! Ou são os nobres deste reino que já perderam o medo de andar comigo, ou então foi o meu "charme" pessoal que os enfeitiçou. Já tenho tantos convites para festas, que a mamã nem pode calcular!

D.BRIOLANJA

— Hum... Não sei se isso me agrada muito. A menina sabe que sou uma mãe extremamente extrema. Mas isso não me impede de verificar que por qualquer motivo que eu não compreendo nem nunca compreenderei, os homens acham que o seu tipo de beleza não é dos mais atraentes.

ALDEGUNDES

— Ó mamã!

D.BRIOLANJA

— É como lhe digo. E falo com conhecimento de causa. Eu oiço muito bem, o logo que chegamos a este reino, vindos da nossa distante terra, eu ouvi muitas vezes comentários feitos às escondidas, e nos quais se faziam algumas referências tanto a si como a mim, altamente inconvenientes!

ALDEGUNDES

— Quais foram, mamã? Diga!

cont. na pág. 10

DENTADURA

EU TE DOU A REACÇÃO MEU FILHO DA...PIDE!..

EU SOO...



DENTADURA

cont. das centrais

D.BRIOLANJA

— Bom, eu não gosto de falar nisso: mas sempre lhe digo: uma vez ouviu um peralvilho qualquer dizer quando nós passávamos: “lá vai o barril do velho com os frascos atrás! Ora como nesse momento só passávamos nós e o papá, depreendi que esse impróprio comentário se referia a nós. . .

ALDEGUNDES

— Talvez não fosse por mal, mamã. A mamã sabe que o linguajar destes povos é ligeiramente diferente dos nossos: se calhar estavam a dizer que o papá era baril. . .

D.BRIOLANJA

— Baril? E que estranha palavra é essa?

ALDEGUNDES

— Baril, senhora minha mãe, é uma pessoa a um tempo amável e sabedora. . .

D.BRIOLANJA

— Seria. Mas então os frascos? Quereides dizer que se trata dum cumprimento?

ALDEGUNDES

— Talvez, mamã. Com esta gente nunca se sabe. Sabeides que um frasco é uma forma elegante. . . e nós temos a nossa clássica elegância, que ninguém pode negar. . .

D.BRIOLANJA

— Talvez tenhades razão. Mas aí vem vosso real progenitor que talvez melhor nos poderá elucidar. . .

EL-REI

— Que Deus vos salve senhora minha esposa e donzela minha filha. De que falaveis?

D.BRIOLANJA

— Em boa hora chegasteis, senhor meu esposo. Vindes a tempo de nos dardes o vosso sábio e venerando conselho sobre graves problemas que ao que parece impendem sobre a nossa família. . .

EL-REI

— Sus, senhora minha esposa que grave preocupação derramades sobre o meu real bestunto! De que graves problemas se trata, se vos apraz dizer?

ALDEGUNDES

— Papá, um frasco é coisa feia?

EL-REI

— Nunca que eu saiba extremosa filha minha. Há frascos que são considerados verdadeiras obras d'arte. . .

ALDEGUNDES

— Vedes, mamã? Verdadeiras obras d'arte!

D.BRIOLANJA

— Pois sim, mas. . .

EL-REI

— Acaso pretendes comprar algum frasco? Talvez de perfumes do Oriente?

D.BRIOLANJA

— Não me faleides em Oriente que me fazeides lembrar pecados esquecidos. Não se trata de comprar: trata-se de saber se uma mulher. . . se duas mulheres. . .

EL-REI

— Ah, são mulheres que vos vieram oferecer frascos? Não vos afobeides em investir o pouco que nos resta de cabedais, em futilidades. Lembraide-vos que ainda não sei se ficarei a receber reforma, ou se será alguma pensão da Caixa de Previdência, por isso. . .

ALDEGUNDES

— Não é isso, papá. O que se passa é que parece que a mamã ouviu uns peralvilhos quaisquer, num dia em que nós passámos por um salão, dizer referindo-se a nós, que ali ia o barril do velho e os dois frascos atrás. . .

EL-REI

— O barril do velho? Quem foi que se atreveu a classificar de tão soez maneira a minha veneranda postura?

D.BRIOLANJA

— Vossa filha Aldegundes diz que talvez quizessem chamar-vos baril. . .

EL-REI

— Ah não! Eu bem conheço a sanha dos nossos inimigos! Chamavam-me barril, para ofender o meu majestoso e severo porte, duma maneira grotesca e ignóbil! Isso devem ser coisas postas a correr pelo meu ex-secretário que agora se anda a mancomunar com as forças da reacção! Esse malvado que eu conseguí dominar durante tanto tempo, e que agora se sente liberto do peso da minha autoridade me anda para aí a desfitear!

D.BRIOLANJA

— Senhor, não seajades tão impulsivo! Talvez isso não sejam coisas dele! Tanto quanto me tem chegado aos ouvidos, tudo o que ele tem feito tem sido procurar emprego. . .

EL-REI

— Como? Como que ele arranjar emprego numa terra estranha, se nem na sua própria terra ele conseguiu aguentar-se no que tinha?

D.BRIOLANJA

— Talvez ele tivesse inimigos. . .



Estava o amigo corvo empoleirado numa árvore, muito contente da sua vida porque tinha finalmente conseguido bifar um queijo, que pelos vistos até parece que tinha mais que vinte por cento de gordura, o que era um luxo nos tempos que corriam, quando surgiu matreira a raposa a lamber os beicos só de ver aquele naco de queijo que lhe parecia tão mal empregadinho no corvo.

E como ainda se lembrava dos truques que davam resultado, disse ao corvo:

— Olá, amigo corvo! Que linda plumagem que tu tens! Aposto que até és capaz de cantar uma ária de ópera! Deves ter uma linda voz. Gostava tanto que desses um espectáculo de canto livre!

O corvo olhou assim de banda, como olham os corvos, e calmamente pôs o queijo debaixo de uma asa, e respondeu:

— Muito obrigado, amigo raposa. Realmente a minha voz não é mazita de todo: queres ouvir?

E sempre com o queijo debaixo da asa, lançou aos quatro ventos:

— Vem. . . vem junto a mim. . . dá-me o calor. . . da tua asa!

A raposa bufou de raiva. Que chatices! Com esta mania das alfabetizações até já os corvos conheciam as fábulas. Tentou outra técnica:

— Maravilhoso, amigo corvo! Se tu conseguisses cantar e voar ao mesmo tempo ainda te arranjava um contrato para o Frou-Frou!

O corvo não se fez rogado: entalou o queijo entre as garras e começou a voar em círculos à volta da raposa e a cantar:

— Ó tempo, volta p'ra trás! Traz a tua banza velha. . .

Depois pousou tranquilamente no ramo, evidentemente já com o queijinho de novo entalado no bico.

A raposa coçou a cabeça numa desolção. E de repente disse:

— Vé lá tu que raio de chatices, amigo corvo: essa coisa da tua mulher andar lá metida com o teu patrão. . .

— Ai a grande cabra! berrou o corvo, enquanto o queijo caía directamente na boca aberta da raposa.

Moral da história: se a tua mulher anda metida com o teu patrão não abras a bico porque senão ficas sem a comidinha.

COMUNICADOS

DUMA FÁBRICA DE TINTAS:

Avizam-se os nossos estimados clientes que em virtude da enorme procura que ultimamente têm tido, fomos obrigados a aumentar os preços das nossas tintas para cartazes, mas apenas em certos tons.

Este aumento incide particularmente sobre todos os tons de vermelho que são os que têm tido mais procura.

Os nossos estimados distribuidores faziam-nos um grande jeito se promovessem campanhas para incrementar as vendas das tintas de outras cores, porque as vendas dos azuis diminuíram estrosadamente, e quanto ao verde nem uma só lata se vendeu nos últimos meses.

DA DIRECÇÃO DO GRUPO DESPORTIVO DA PROMOÇÃO DISTRITAL DE CEBOLAIS DA ESQUERDA:

Avizam-se os nossos estimados consocios atletas que devem começar a treinar-se pelo menos todas as semanas, porque esta Direcção está a fazer todos os requerimentos necessários para que o nosso Clube entre já na próxima época nos campeonatos da Primeira Divisão, na época dos alargamentos. O nosso ilustre Secretário Geral, o Sr. Malaquias da Silva, boticário cá da aldeia, já declarou que segundo os princípios de igualdade em que vivemos, a tendência geral é apartar para a esquerda, o que naturalmente irá beneficiar a nossa terra.

DUMA COMPANHIA DE SEGUROS:

Avizam-se todos os nossos angariadores e representantes que esta Companhia vai lançar o mais moderno e completo seguro de todos os tempos: o Seguro de Não Ter Seguro. Por um reduzido prémio emitiremos uma apólice que cobrirá os riscos de ser obrigado por qualquer motivo a fazer qualquer seguro. O "slogan" a adoptar é este: "ESTEJA SEGURO DE NÃO TER SEGURO!"

DENTADURA

cont. da pág. 10

EL-REI
— Inimigos? Inimigos tinha eu, que era o rei, o senhor supremo, a própria personificação da autoridade. . .

ALDEGUNDES

— Ó papá, isso da autoridade é que era a ditadura?

EL-REI

— Tonto na lingua viperina, menina imprudente! Quem vos ensinou semelhantes fales de rebelião?

D.BRIOLANJA

— Deixai-a lá, senhor meu esposo! A pequena se calhar ouviu essa palavra mas nem sabe que é uma palavra feia. . .

EL-REI

— Se não sabe, é tempo de o aprender! E já agora fique sabendo: quando lhe disserem que no nosso reino existia isso que disse, a menina poderá explicar que se houve foi em tempos distantes, e que isso tinha já terminado quando se finou o meu anterior secretário. E depois disso. . .

D.BRIOLANJA

— Depois disso. . . piorou. . .

EL-REI

— Não sejaides imprudente, senhora minha. Se piorou, a culpa foi desse meu mal-fadado secretário. Mas também mudou pouco. . .

D.BRIOLANJA

— Mudou pouco? Que quereides dizer?

EL-REI

— Sei bem o que digo. E já que mister se torna esclarecer a minha própria família, poderei elucidar-vos que houve de facto no nosso reino, em tempos que já lá vão, essa tal ditadura. Tinha sido inventada pelo tal meu secretário que se finou por ter caído dum escabelo abaixo quando estava a aparar um calo do dedo mendingho. . .

ALDEGUNDES

— Pois foi! Eu até ouvi dizer. . .

EL-REI

— Fechaide a aldaba. Ouviude, que é para ficardes a saber. Depois disso este meu ex-secretário (que em má hora nomeei) prometeu-me que ia acabar com essa história da ditadura, porque o meu povo parecia começar a estar pouco disposto a ir em mais futebolis. . .

D.BRIOLANJA

— Que estranhas falas essas, senhor meu esposo!

EL-REI

— Se emprego vulgaridades no meu linguajar, é para vos mostrar que sou ainda um governante à altura de compreender e de ser compreendido pelo meu povo. Mas não me interrompaides: dizia eu que esse meu secretário me prometeu acabar com a ditadura. . .

D.BRIOLANJA

— E não cumpriu a sua sagrada promessa?

EL-REI

— Não. E em vez disso substituiu-a por outra coisa ainda pior. . .

ALDEGUNDES

— O que foi?

EL-REI

— Esse mal-fadado secretário em vez da ditadura, passou a usar a dentadura!

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 — 2.º LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA" — S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO — LISBOA



CONSULTÓRIO SENTIMENTAL



MORENA DESILUDIDA — O emu namorado mandou-me uma carta a despedir-se dizendo que as minhas exigências lhe tinham secado o amor. Que acha que deve fazer para que ele volte?

RESPOSTA — Essa coisa das suas exigências lhe terem feito secar o amor, deixa-nos abanados. Ou você é muito exigente ou ele se engasga com pouco. De qualquer forma o melhor será procurar um vedor para que lhe descubra (nele) outras nascentes, mas sinceramente estamos em crer que o solo deve ser muito sequeiro. E o que você precisa é de um regadio.

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



Uma das coisas que mais interessa o público é o automóvel. E não me venham para cá com cantigas de que não é, porque eu digo que é e eu é que sei. Por isso eu achei que era importantíssimo fazer uma entrevista (brilhante como todas as que eu faço) com um vendedor de automóveis. Claro que o meu chefe

que eu não deixava o meu chefe de redação) encontrou um que me prometeu responder às perguntas se:

1 — Eu lhe comprasse um chaço que lá tinha, e que lhe estava a ocupar muito espaço.

2 — Se eu lhe desse de entrada a minha lambreta e mais a bicicleta do meu filho.

3 — Se eu lhe aceitasse letras de quinhentos paus por mês.

de fazer as contas aos cinquenta?

— Não senhor, não me importo! Eu até quero o carrido só para andar aos domingos na minha rua, um bocadinho... e como a minha rua é pequena, com certeza que não vou andar muito...

— Ah não vai, não...

— Como diz?

— Queria dizer que não deve andar muito! Ao preço

— Acredite que faz uma boa compra. Repare: esta pintura já não se estraga...

— Mas isto quasi não tem tinta nenhuma...

— Por isso mesmo! O senhor já viu estragar-se uma coisa que não há? Lembre-se das despesas que fazem os que compram carros novos, e que estão sempre abilitos que lhes risquem o carrinho...

— Sim lá isso...

— Claro! Isto aqui é boa e honesta chapa de ferro! Aqui nada se risca!

— Bom o senhor disse que fazia o negócio a quinhentos paus por mês. Mas quanto é que custa carro ao todo?

— Olhe lá: como é que o senhor quer que eu saiba? O senhor entrega mas é a lambretinha e a bicicleta. Aí já eu lhe dou quasi cinco contos por tudo.

Depois ainda lhe dou o carro este extraordinário carro fóra de série...

— Ah ele é fóra de série?

— Pois é! Não vê o senhor que a gente aí no barracão onde ele estava perdeu-lhe a chapa da matrícula onde estava a série. Por isso agora ele é fóra de série...

— Então se se a polícia me pede os documentos?

— Ora deixe-se de infantilidades! A polícia pede os documentos, que é para ver se descobre carros que tenham sido roubados. Ora diga lá: alguém em seu juízo perfeito roubaria este carro?

— Sim, lá isso...

— Claro! A polícia quando o vir passar — se o vir andar — até manda parar o transito para o ajudar a ir até ao fim da rua, com medo que vá atrapalhar o transito!

— Pois sim, mas se o vir parado lá à minha porta...

— Ah, isso não tenha medo. Sabe que se anda a fazer uma grande campanha para desenvolver a agropecuária. O que a polícia pode pensar é que o senhor decidiu pôr ali à porta uma caçoeira para galinhas...



de redação quando eu lhe disse que ia fazer essa entrevista, torceu o nariz. Mas como ele torce o nariz por tudo e por nada, eu claro que não liguei.

E fui por ali fora a pensar quem é que estaria disposto a ser entrevistado.

Tive pouca sorte nos primeiros que encontrei. Porque claro que eu queria era um vendedor de automóveis em segunda mão. Esses é que são os verdadeiros vendedores. Os outros são simples agências para servir capitalistas baratos.

Como vos dizia, tive pouca sorte com os primeiros a quem perguntei: não foram muitos: para aí uns trezentos e doze. Por fim, quando eu já quase que estava disposto a entrevistar outro pandego qualquer (lá sem entrevista é

4 — Se eu não dissesse o nome dele na entrevista.

Olhei para o chaço, e perguntei:

— Mas oiça lá, e como é que eu levo isto daqui? O senhor manda-mo por em casa?

— QÜe disparate, meu amigo. Este carro está em estado impecável! Tem um motor praticamente novo (só foi visto uma única vez, e foi há muito tempo)...

— Então e o senhor tem a certeza que ele ainda lá está?

— Está sim senhor! Vê-se logo pelo peso!

— E trabalha bem?

— Oh meu amigo, nestes tempos, já não se pode pedir que trabalhe bem. Basta já a boa vontade de trabalhar, para merecer um elogio!

— Ah, lá isso é verdade. E quanto gasta ele aos cem?

— Bom, aos cem não se pode saber até porque, para lhe ser completamente franco, eu não estou certo que ele chegue a fazer cem quilómetros. O senhor não se importa

que está a gasolina...

— Poisé, isso também é uma chatice. Não sei se será económico...

— Claro que é! Olhe que este carro não lhe gasta mais de dez litros...

— Aos cem?

— E você a dar-lhe! Não senhor, já lhe disse que é aos cinquenta! E depois pense nas vantagens dum carro que seja já assim um bocadinho... usado...

— Se calhar não o consigo pôr a trabalhar...

— Pois aí está! Já viu maior economia? O senhor já pensou que se comprasse um desses carros que têm a mania de andar em correrias, a gasolina que o senhor gastava? Assim com esse carrito, como ele pouco ou nada andar, o senhor praticamente não tem despesa de gasolina! Só se for alguma pinguinta para limpar as mãos depois de estar a brincar com ele, aos domingos, lá na sua rua!

— Sim lá isso...

Crónica semanal



por E. DÁSTIAS

Crónica nortenha e o mais que à rede venha...

PREVENÇÃO SEM PRECISÃO

Através dos diversos meios de informação, a Prevenção Rodoviária Portuguesa continua, a propósito dos "frequentes e longos passeios de automóvel" a que "o bom tempo convida", a distribuir conselhos para evitar a fadiga e a sonolência, como os de parar "ao menos de duas em duas horas" e de andar "cinco minutos a pé".

Passeios CONVINDATIVOS e "frequentes e longos" ao novo preço da gasolina? Paragens de veículo "de duas em duas horas", quando já as há que duram SEMANAS?! "Cinco minutos a pé" ou DIAS INTEIROS idem?!

Estou certo de que é sem querer, desprevenida, que a Prevenção — instituição séria e de créditos e méritos firmados — assim está a contribuir para o anedotário nacional.



SALÁRIO SEM MÍNIMO

Francisco d'Orey deu a notícia, no "Inventário Musical" a que tão utilmente procede na R.T.P.: os coros amadores do Norte, juntos em número de dezanove) no seu IV Encontro anual

não-competitivo, decidiram voltar a reunir-se agora no mês de Outubro (dia 26), desta vez em Santiago e com os seus congéneres das outras zonas do País, a fim de serem lançadas as bases de uma Federação Nacional.

Esta entidade terá, é evidente, um papel fundamental a desempenhar no sentido da valorização dos agrupamentos que nela se associem e que, por enquanto, na generalidade se encontram num nível técnico e artístico ainda bastante modesto, conforme se pode verificar através do reportagem do Encontro — com a muito positiva ressalva, quanto a reportório, dos Orfeões do Porto, de Vila Praia de Ancora e da Cerâmica de Valadares, que vimos em bom caminho, cantando Lopes-Graça; e com muito negativo realce para o simpático Orfeão de Ovar, o qual, incrivelmente, não achou em todo o cancionário português coisa melhor do que uma "Lisboa Antiga" afadistada e turistóide (essa mesma "de outras eras, dos cinco reis, das esperas e das touradas reais"...).

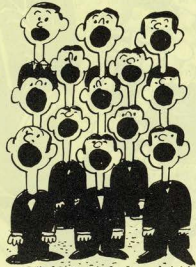
A nenhum deles, porém, falta de certo boje vontade e correcta intenção, pelo o que que é de esperar que o Serviço de Musica da Gulbenkian — Jépos de ir ver como é (Santarém até fica perto de

NÃO ME PAGAM PARA PUXAR A DUAS RODAS!...



capital...) — ENTRE com o resto.

(Atenção, senhora D. Madalena Azeredo Perdigão: trata-se não de um apelo, mas de um ULTIMATO. Ou se interessa pelo caso — ou escrevo para o "Diário de Lisboa" e FAÇO QUEIXA ao seu "amigo" Mário Vieira de Carvalho...)



COROS SEM COROAS

Ao esclarecer a sua posição (de desacordo) perante o discutido caso do abandono da Volta a Portugal levado a cabo, praticamente no fim, pela equipa do Salgueiros e pelas outras quatro nortenhas, o Presidente daquele clube referiu que o acompanhante dos ciclistas do mesmo "não era um director", mas apenas "uma pessoa a quem davam 1.500\$00 MENSAIS para gerir a secção".

Sou sincero: se fosse posto nas condições (salariais, desde logo) deste acompanhante, eu teria feito greve muito mais cedo.

Seguramente sem esperar pelos homens do pedal. Talvez até sem chegar a partir com eles para a primeira etapa.

CONSELHOS DE ECONOMIA

Se o leitor tem um pequeno quintal, pode aproveitar as nossas sugestões para o valorizar senão para já, ao menos para um futuro próximo.

Como somos um país essencialmente agrícola, convém que toda a gente tenha umas noções bastante avançadas sobre as culturas que

podem estar ao alcance de toda a gente, para se bastarem tanto quanto possível a si próprios.

Começemos pelos ovos.

Já se sabe que principalmente na cidade se torna muito difícil (e creio até que se proibido por posturas municipais) ter caçoeiras.

Mas isso é para aviários de galinhas, que ocupam muito espaço. E como não há legislação nenhuma que proíba as pessoas de terem passaros, e como os passaros também põem ovos, ainda que mais pequenos, eu acho que se pode arranjar uma plataforma de economia urbana, com um aviário pequenino.

Claro que se o leitor se decidir a criar por exemplo pombos, volta a ter o mesmo

e olhar depois para p ninho azul, fica cheia de vontade de lá ir pôr outro ovo.

É o que se chama cientificamente o cromossexualismo dos milharucos.

Quando a sua instalação de milharucos já tiver feito uma criação completa, isto é quando as nove milharucas tiverem todas desovado, o leitor deve ter mais ou menos um cento de ovos, que, se o milharuco não estiver lá

algumas recitas apropriadas, tais como "omote à quinto andar", "ovos de (milharuco) com molho de azeitonas" e "ovos de milharuco à la diable".

Por agora achamos que talvez seja boa ideia ir preparando a sua instalação.



problema: começa a ter que ter um grande espaço para o pombal: e olhe que os ovos de pomba geralmente são quase do mesmo tamanho dos mais pequenos das galinhas, e por isso não adianta muito na economia do espaço.

Vamos portanto para a criação de milharucos.

O milharuco é um plumitivo bastante precoce, que acasala bem, e ocupa pouco espaço: você pode meter para aí dez milharucos numa gaiola de meio metro.

No entanto é preciso tomar cuidado em pôr na gaiola nove milharucas e apenas um milharuco, senão a coisa pode dar fita.

Não é difícil distinguir os milharucos das milharucas: os milharucos têm sempre uma peninha azul no alto da cabecinha, e as milharucas não vão nisso.

Logo que os tenha arranjado, dê-lhe de comida em abundância (podem ser migalhas de pão, restos de cozido ou bocadinhos de feijão carapato) e a um dos lados da gaiola faça quatro a seis ninhos, que devem ser pintados um de cada côr.

Sabe que os milharucos têm uma estranha fascinação pelas côres, e por isso se uma milharuca tiver posto um ovo no ninho encarnado

só para coçar a peninha azul, lhe devem dar com milharuquinhos.

Desses cem milharuquinhos, o leitor tira dez de peninha azul, que serão os futuros chefes de quadro da sua instalação.

Depois escolhe as milharucas que irão ser as "mater-familias" da sua instalação, e que claro, não chegarão para as encomendas dos seus dez milharucos. Mas de qualquer forma sempre lhe ficarão à razão de quatro para fazer milharuco, e você pode fazer-lhes a eles (milharucos) uma preleção sobre os inconvenientes da poligamia, para ver se pelo menos nos primeiros tempos eles se contentam com as quatro.

Claro que lhe vão sobrar vários milharucos de peninha azul, e como o mercado de milharucos é bastante raro, seria mal empregado o leitor fazer uma arrozada com eles, tanto mais que até agora há pouco arroz.

Por isso pode é vende-los aos seus amigos que queiram também iniciar uma exploração avio-milharuquica, o que eles lhe agradecerão efusivamente.

Na nossa próxima lição iremos ver como aproveitar salutarmente os produtos da sua novel instalação avícola, e ao mesmo tempo dar-lhes



reboia bola



OS ALAAARGAMENTOS

Claro que se há assunto que seja próprio para um jornal humorístico, esse assunto é por Excelência o desporto nacional. De resto desde há muito, muito tempo que toda a gente sabe que o desporto nacional é uma anedota. E o lugar das anedotas é nos jornais humorísticos. Portanto... o dito dito.

Não vamos tornar a bater no queijinho da volta a Portugal. Coitadinha da Voltal Coitadinha da Federação do Ciclismo! Coitadinho do doping! Coitadinho do público!

Deixem lá a voltinha dos tristes, que para o ano se calhar há mais e melhor. Sim porque nós cá portugueses, nunca nos ficamos em meias medidas: talvez para o ano se arranje uma volta à Europa, que é para toda a gente saber que nós somos os melhores em tudo, principalmente em ciclismo.

Quanto ao futebol... não me posso rir muito porque ando com a boca gretada por causa do sol.

Como parece que as pessoas já não ligavam muita importância ao Simplesmente Maria, arranjou-se o outro folheto chamado o Simplesmente Académico.

E que simplicidade! Acreditem, meus amigos, que aquilo foi bestialmente simples. Afinal a gente estava à espera que houvesse mais comunicados, mais reclamações, mais argumentações, mais impugnações, mais elegâncias e mais palavras, e afinal acabou tudo num final sem suspense nenhum, a dizer precisamente isso: Simplesmente Académico e já está.

Pareceu uma daquelas ane-

dotas em que a gente pergunta assim no silêncio que se segue à ultima frase: mas onde é que está a piada?

Claro que nos chamam ignorantes e pouco argutos, porque não percebemos as

tina ater. Porque havia uns que queriam ser alargados, e outros que não queriam.

E como as coisas agora tratam-se democraticamente, como deve ser, fez-se um grande congresso para se deci-

dir democraticamente quem era a maioria: se os que queriam alargar, ou se os não queriam alargar — e até talvez preferissem encolher.

Mas o que estava para escolher era se alargavam ou

não se alargavam.

E democraticamente começaram todos muitos compositinhos a votar. E quando chegou ao fim e se viu que a maioria queria o alargamento, houve uns tantos (os que não queriam alargamento) que pensaram que isso de decidir democraticamente as coisas já era democracia a mais, e que todos podiam ser democráticos se fossem da opinião deles. Porque se não fossem, que se lixassem essas ideias democráticas que só serviam para complicar as vidas das pessoas.

E vai daí gritaram: Ah, a gente perdeu? Pronto então a gente não rena.

— É pá, mas vocês tinham dito que se ia decidir por maioria...

— Pois está claro! E atão a gente não somos os maiores? Decidir por maioria era decidir o que a gente decidisse, não era?

— Mas a gente pensava... — Ora, ora! O mal de certas pessoas é pensarem! E além disso vocês sabem muito bem que o que interessa é a livre discussão dos problemas.

— Mas este problema estava já resolvido...

— Estava mas não tá. E não tá porque a gente impugna!

— Vocês quê?

— A gente impugna! A Gente refilal! A gente reclama! E pouca refilica daí se não a gente ainda faz um campeonatozito só com a amioria dos maiores, que é p'ra vocês saberem o que é jogar.

E pronto. Aqui o árbitro apitou para o intervalo. E a gente das bancadas fica à espera da segunda parte...

NÃO VOLTO A JOGAR À DEFESA DIREITA... PORQUE AGORA OS ÁRBITROS DEIXAM OS AVANÇADOS DA ESQUERDA ARREAR PORRADA À "LABÚRDIA"...



entrelinhas não nos rimos à bruta como qualquer filho da polémica. Gente que não compreende o humorismo moderno.

Mas depois, como o Zé precisa de se distrair, e está mais que provado que o Desporto é um manancial de anedotas, veio o caso do alargamento.

E o Zé começou por alargar os coses das calças, porque viu que ia ter espectáculo.

E lá isso teve. Teve e con-

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”